

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA  
URI ZOHAR – INVENTOR DO MODERNO CINEMA ISRAELITA  
10 de outubro de 2023

KOL MAMZER MELECH / 1968  
"Cada Bastardo, Um Rei"

um filme de Uri Zohar

**Realização:** Uri Zohar / **Argumento:** Uri Zohar, Eli Tavor / **Fotografia:** David Gurfinkel / **Som:** Elisha Birnbaum, Eli Yarkoni / **Montagem:** Anna Gurit / **Música:** Michel Colombier / **Direção Artística:** Ze'ev Lichter / **Figurinos:** Miss Suzie / **Interpretação:** Yehoram Gaon (Yoram), Oded Kotler (Raphi Cohen), Pier Angeli (Eileen), William Berger (Roy Hemmings), Ori Levy, Reuven Morgan, Ariela Shavid, Idi Astruck, Mike Brant, Jacob Bukman, etc.

**Produção:** Uri Zohar & A. Deshe (Israel), Nordisk Film Teknik (Dinamarca) / **Produtor:** Avraham Deshe, Topol / **Cópia:** ficheiro, cor, 100 minutos, versão original com legendas em inglês e hebraico e legendagem eletrónica em português / **Estreia Mundial:** 17 de julho de 1968 (Israel) / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema.

---

A cópia que vamos apresentar, a única a que foi possível aceder após intensa pesquisa preparatória para este Ciclo, resulta da digitalização em baixa definição de uma cópia de distribuição de época em película com vários problemas de conservação (nomeadamente sinais de degradação cromática). Pelo facto, apresentamos as nossas desculpas.

---

Sessão apresentada por Ariel Schweitzer

---

*Another border? Do you have one square inch  
in this country without a border?  
(dos diálogos do filme)*

Sendo impossível a visão deste filme no momento presente sem nele projectar os acontecimentos que em Israel e em Gaza reabrem a velha ferida do conflito israelo-árabe, tentemos mesmo assim nesta "folha" criar uma distância de análise que permita olhar para **Kol Mamzer Melech** no contexto histórico em que ele surgiu originalmente e mais especificamente avaliar o seu lugar no conjunto da obra de Uri Zohar.

Sendo a quinta obra de longa-metragem realizada por Uri Zohar – que, alternando filmes mais comerciais com títulos mais pessoais, tinha revolucionado a paisagem do convencional cinema israelita com o seu segundo e quarto filmes (respectivamente intitulados **Hor Ba'Levana**/"Um Buraco na Lua" e **Shlosha Yamim Ve'yeled**/"Três Dias e uma Criança" e considerados os responsáveis pelo arranque do movimento baptizado de Nova Sensibilidade que representou o equivalente de uma Nova Vaga local), **Kol Mamzer Melech** surge após a ressaca festiva da retumbante vitória militar de Israel na Guerra dos Seis Dias de junho de 1967. Embora filiado no cinema patriótico de Israel que nos anos 1950 e 1960 consolidaram a mitologia de heroísmo nacional fundado na resistência dos judeus às permanentes ameaças dos países vizinhos – componente mais forte de uma identidade nacional construída a partir de um *melting pot* de nacionalidades e culturas que estão na base da sociedade e do Estado de Israel -, **Kol Mamzer Melech** tanto alimenta essa mitologia

como a sabota através de uma visão mais irónica e com nuances dessa sensível questão. O ponto de vista do filme talvez encontre na incompreensão dos olhares estrangeiros da personagem do repórter americano e da sua companheira sobre Israel e sobre as relações entre árabes e judeus o seu compasso moral. Até porque ao aprofundar o tratamento dessa relação romântica em crise ao longo dos incidentes de uma *road trip* (outro título que ficaria bem a este filme poderia ser o de "Viagem a Israel") o pano de fundo de uma guerra por vir acaba por ser algo desvalorizado durante largos momentos.

Quando finalmente a guerra eclode no filme (ou melhor a ele regressa pois dela tinha sido dada na sequência de abertura uma breve nota com a entrega dos restos mortais do repórter num caixão coberto pela bandeira americana até ter início o longo *flashback* que é o esqueleto principal do filme) na sua forma mais crua e sem subtexto (o espectáculo da guerra como fim em si mesmo), é precisamente quando **Kol Mamzer Melech** se torna menos interessante. Tendo sido feito em estreita cooperação com as Forças de Defesa de Israel, a quem se agradece o desempenho na Guerra dos Seis Dias, os consideráveis meios militares postos à disposição da produção do filme explicarão essa excessiva presença (no sentido em que pouco acrescentam à narrativa) das cenas de guerra na segunda parte do filme. Vencida a guerra, regressará algo do questionamento irónico do "heroísmo" e do país, novamente dado pela voz (agora *post-mortem* do repórter) num texto que já tínhamos ouvido no início e que serve de comentário final a esta vitória amarga: "Israel não é um país. Nem é, como alguém sugeriu, um estado de espírito, é apenas um conjunto sistematicamente desordenado de paradoxos, que de algum modo parecem fazer sentido, não me peçam para explicar porquê. Diga-se o que se disser sobre Israel ou sobre os israelitas, o seu contrário é igualmente verdade. Todos os homens, mulheres e crianças parecem estar mobilizados para a guerra. Porém, sempre que querem dizer «Olá». «Adeus», «Como está a tua avó?» ou «Que tal?» dizem «shalom», que significa «paz», E, bizarramente, de algum modo levam-nos a acreditar que estão a ser sinceros."

Esse cepticismo e um olhar mordaz sobre a sociedade israelita que são tão determinantes ao longo da filmografia de Uri Zohar (e que são o fio condutor deste Ciclo) estão em **Kol Mamzer Melech** ainda algo "externalizadas", mas não demorarão a tornar-se o centro do seu cinema. Nos filmes seguintes – nomeadamente na chamada Trilogia da Praia – Uri Zohar voltaria de forma mais clara as costas a qualquer visão mais nacionalista do papel histórico de Israel e aprofundaria o diagnóstico de uma crise existencial centrada em personagens mais individualizadas (muitas vezes interpretadas por ele próprio) ainda que tão contraditórias quanto este paradoxal país.

Nuno Sena